

# Representações sociais, relações inter-grupos e identidades profissionais dos psicólogos \*

LUÍS SOCZKA \*\*

*In the situation where psychology lacks an emphasis towards «self-analysis» of the set of basic assumptions on which much of its empirical activity is based, no breakthrough in the basic knowledge can take place. Instead, the discipline is limited to the uncontrolled and implicit following of the fads and fashions in the society where different basic assumptions may sometimes gain dominance in laypersons' minds, only to loose it after a while. Psychology's «recurrent structure» of general approaches to its phenomena resonates with the fluctuations in the implicit social representations in the culture, and follow the later.*

JAAN VALSINER

Culture and the Development of Children's Actions, 1987

## 1. AS REPRESENTAÇÕES COLECTIVAS E OS SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO

A Psicologia tem uma longa tradição de estudo das representações, quer do ponto de vista clínico, quer do ponto de vista experimental. Intimamente ligada ao problema da percepção do mundo e dos outros, no cerne da problemática do conhecimento, pode dizer-se que a questão das representações está presente em todos os sistemas filosóficos, de Platão e Aristóteles a Locke, Kant, Hegel e Marx; herdeira, no

séc. XIX, da problemática filosófica, a Psicologia desde cedo se debruça sobre a transformação subjectiva da realidade experienciada, com James, Ebbinghaus, Wundt, Janet, Freud, para citar apenas alguns dos nomes maiores da Psicologia de então. Freud e os seus continuadores debruçaram-se com particular acuidade sobre o tema das modificações internas das pulsões e da sua articulação com o real percebido, no quadro da perspectiva psicanalítica do aparelho psíquico. Mas, tal como a maioria dos psicólogos oitocentistas, situando-se ao nível do indivíduo e da sua ontogénese: as pulsões não se manifestam em estado puro no inconsciente, mas só através de um processo de representação (*Vorstellung*) — é essa representação que, mediante uma transposição (*Umsetzung*) ou uma tradução (*Übersetzung*), será transformada mais tarde num conteúdo cognitivo, consciente, acessível ao Ego (Freud, 1915), com as máscaras impostas pelos mecanismos de defesa. Apoiando-se numa longa tradição de pesquisa psicanalítica que se estende de Freud a Melanie Klein e a Bion, Luzes (1984) afirmava: «as representações são elementos básicos da vida cognitiva e afectiva.

\* 1.º Prémio de Investigação Científica atribuído pela 1.ª Conferência Nacional dos Psicólogos Portugueses. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Janeiro de 1988.

\*\* Investigador na Equipa de Ecologia Social do LNEC; Professor associado do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto.

O autor agradece a colaboração da Dr.ª Ana Paula Moita, que enquanto bolsista de investigação no LNEC colaborou activamente na recolha de informação e aplicação das grelhas de Kelly; agradece também ao Prof. Jorge Vala as apreciações e críticas que fez ao manuscrito deste trabalho.

Permitem dar à vida mental uma estabilidade a vários níveis: distinguir o Eu do não-Eu: dar constância e permanência aos objectos e consequentemente fornecer a noção de continuidade da realidade e do self. Se não houvesse representações a vida mental ficaria condenada ao imobilismo dos reflexos ou às flutuações do estímulo-resposta. As representações garantem a regularidade das reacções afectivas, pois o afecto se fixa não no objecto exterior, mas na sua representação mental» (p. 502). A questão foi correctamente formulada por Luzes: trata-se, com efeito, da passagem de uma Psicologia ingénua baseada no tradicional esquema  $E \rightarrow R$  dos primeiros behavioristas, cujo simplismo extremo ditou a sua própria falência, para uma Psicologia das mediações  $E \rightarrow R' \rightarrow R$ , em que  $R'$  traduz os sistemas de representação que medeiam entre o estímulo  $E$  (ele próprio dotado de significações para o sujeito) e a resposta  $R$ . Trata-se, portanto, de encarar o sujeito como um *processador de informação*, em que a resposta não depende tanto da natureza e magnitude do estímulo em si mesmo considerado, mas da interpretação subjectiva (e condicionante da resposta) dada pelo indivíduo a esse estímulo: em função dos seus condicionalismos pessoais e grupais, das suas experiências passadas e actuais, das moldagens exercidas sobre si pela família, pela escola, pelo trabalho, pela cultura, pelas forças dominantes no campo das ideologias e dos grandes quadros de civilização. Trata-se da adopção de um modelo do sujeito como *homem-hermenêutico* e do abandono definitivo do arcaico modelo do *homem-reflexo* dominante no início do séc. XX e ainda sobrevivente numa ou outra escola de Psicologia, nomeadamente no skinnerianismo radical. Este modelo do sujeito como *organizador* da sua própria experiência, filtrada esta por sistemas de representações que proporcionam ao indivíduo a base das suas expectativas e da sua capacidade de antecipar no imaginário os acontecimentos, prevendo a sua evolução no futuro, constitui o núcleo da tradição cognitivista em que o nome de Kurt Lewin não pode deixar de surgir como marco de referência, mas ao qual se poderia reunir com razão o nome de Jean Piaget, apesar das dissemelhanças teóricas que separam estes dois grandes nomes da Psicologia contemporânea.

Assinale-se que, ao formular um modelo cognitivista do comportamento humano, Lewin nem por isso assumia a posição ilusória do racionalismo iluminista, e muito menos a ilusão da transparência do

sujeito racional, a que as obras de Marx, Darwin e Freud deram o definitivo golpe de misericórdia. O modelo cognitivista não implica uma Psicologia do Consciente *tout court*, mas sim um modelo de um homem *também não-racional*, comportando-se e autojustificando-se como se fosse um decisor racional que ignora o carácter não racional dos seus processos cognitivos. O mesmo será dizer que todo o homem se comporta, como o pretenderam Heider (1958), Kelly (1955) e, mais recentemente, Nisbett e Ross (1981), como um *cientista leigo*, capaz de tecer hipóteses explicativas e proceder a atribuições causais cuja coerência interna se articula com a lógica implícita de uma organização das representações em complexos sistemas cognitivo-emocionais cuja arquitectura ainda é pouco conhecida, mas cuja funcionalidade é indiscutível.

O homem comum é, portanto, heurístico e hermenêutico, e organiza a sua informação de acordo com um modelo da realidade que lhe permita tomar decisões e prever os acontecimentos — deste todo extrai, à semelhança do cientista, uma teoria implícita do mundo, ingénua embora, mas nem por isso menos dotada de lógica interna. Essa lógica, é certo, radica em factores que estão muito para além do domínio cognitivo dos sujeitos, prolonga-se por intrincadas camadas arqueológicas da história pessoal de cada um, e da história da sua cultura — trata-se, como bem o frisou Freud, da ponta visível de um imenso icebergue, cujos meandros recônditos são objecto convergente de uma multiplicidade de disciplinas, da Antropologia Cultural à Sociologia, à História, à Psicologia e à Psicanálise.

O problema das representações situa-se, então, num ponto de confluência entre diversas abordagens do fenómeno humano e a sua leitura é plural. A Psicologia Social interessa-se, particularmente, pelo carácter social e pela produção social das representações, isto é: pelos determinantes colectivos das organizações cognitivas e pelas variáveis inerentes aos contextos sócio-culturais e que contribuem para moldar as representações. Nesse sentido, como bem o frisou Vela (1984), o conceito de representação social «*articula-se, por um lado, com conceitos mais estritos e mais "psicológicos" que lhe estão próximos, como os de imagem, atitude, crença, estereótipo, etc. e, por outro lado, com campos conceptuais mais amplos e mais "sociológicos", como os de sistema de valores, ideologia e cultura.*

«Sempre que um fenómeno social é directamente

explicado por um fenómeno psicológico, podemos estar certos de que essa explicação é falsa». Esta célebre asserção de Émile Durkheim é ainda hoje paradigmática da ruptura epistemológica verificada entre dois modelos de explicação dos comportamentos humanos, eles próprios representantes de modos mais vastos de compreender o real circundante e as relações sociais, em última análise tributários de grandes formações ideológicas, de sistemas de constructos que fundamentam a *Weltanschauung* de cada quadro cultural ou subcultural.

A clivagem durkheimiana pretendeu afirmar claramente a independência das ordens de fenómenos de consciência, desde os seus fundamentos psicofisiológicos até à sua dimensão sócio-cultural. Em interface, as representações individuais: «A vida colectiva, tal como a vida mental do indivíduo, é feita de representações; é, portanto, presumível que as representações individuais e as representações sociais sejam, de alguma forma, comparáveis. Tentaremos demonstrar que umas e outras mantêm a mesma relação com o seu respectivo substrato. Mas essa aproximação, longe de justificar a concepção que reduz a sociologia a um corolário da psicologia individual, evidenciará, pelo contrário, a independência relativa destes dois universos e destas duas ciências» (Durkheim, 1898). De uma forma não completamente explícita, Durkheim reencontrava, na sua tentativa de afirmar o primado do social sobre a consciência individual, a formulação marxista de que a consciência do homem é determinada pela sua «maneira de ser social» e que as leis que regem a totalidade social não são depreendíveis das que servem para explicar o comportamento concreto dos indivíduos. A esta insistência na totalidade, dirigiria Sartre (1963) duras críticas, apontando justamente esta incapacidade de passar dos quadros explicativos sociais ao indivíduo singular como a «falência heurística do marxismo». E, com o marxismo, todas as perspectivas teóricas que cairiam sob a acusação sartriana de procederem ao «fetichismo da totalidade» — nomeadamente a Teoria do Campo e Kurt Lewin. A perspectiva durkheimiana aproxima-se, aliás, da noção de *gestalt* <sup>(1)</sup>, que subentende toda a Teoria do Campo. A qual, transposta por Lewin para

a Psicologia Social, conduz a uma visão diferenciada da especificidade dos fenómenos sociais, desde o nível do grupo ao das formações institucionais e aos grandes conjuntos culturais. E é este um ponto crucial da epistemologia da Sociologia, como bem o frisou Jean Piaget: «As totalidades sociais oscilam entre dois tipos: num dos extremos, as interacções em jogo são relativamente regulares, polarizadas por normas ou obrigações permanentes e constituem sistemas compostos dos quais pressentimos a analogia com os agrupamentos operatórios no caso em que estes se aplicariam às trocas e às acções hierarquizadas interindividuais como às operações intra-individuais. No outro extremo, a totalidade constitui uma associação de interacções interferindo entre elas e cujas formas de composição lembram as regulações ou os ritmos da acção individual: o todo social já não representa a soma algébrica destas interacções mas uma estrutura de conjunto análoga às «gestalten» psicológicas ou físicas, quer dizer, sistemas onde forças novas são acrescentadas às componentes devido ao carácter probabilista da composição. A «sociedade», no sentido corrente do termo, é um compromisso entre estas duas espécies de totalidades» (Piaget, 1965).

Simultaneamente, encontramos aqui a chameira entre a Psicologia e a Sociologia, articulada pelo domínio teórico da Psicologia Social. E é justamente pela aproximação-transformação do conceito durkheimiano de representação social que a Psicologia Social abre uma via de integração teórica eventualmente solucionante de enganadoras e antigas dicotomias. No dizer de Serge Moscovici (1982), anuncia uma nova era no discurso psicológico. Discurso este que é, ele próprio, produtor e produto de representações sociais, como o demonstrou Moscovici em relação à Psicanálise, numa obra que inaugura, precisamente, a recuperação pela psicologia desse «conceito perdido» que é o de «representação social» (Moscovici, 1961). Desde esse trabalho a todos os títulos pioneiro, uma vasta linha de investigações brotou na Europa sobre os modos e linhas de força das cognições sociais dos mais variados «objectos», reunindo metodologias que se estendem desde os inquéritos extensivos até às análises experimentais

(1) «La vie représentative ne peut se répartir d'une manière définie entre les divers éléments nerveux puisqu'il n'est pas de représentation à laquelle ne collaborent plusieurs de ces éléments; mais elle ne peut exister que dans le tout formé par leur réunion,

comme la vie collective n'existe que dans le tout formé la réunion des individus. Ni l'une ni l'autre n'est composée de parties déterminées qui soient assignables à des parties déterminées de leur substrats respectifs» (Durkheim, 1898).

em laboratório: Codol (1979, 1982), sobre as auto-representações e os processos grupais; Herzlich (1969), sobre as representações sociais da saúde e da doença; Barjoret (1980), sobre a representação das causas dos acidentes rodoviários; Vala (1978, 1979, 1981, 1984) sobre as representações sociais da infância, dos meios de comunicação social e dos comportamentos violentos, respectivamente; Jodelet (1980), sobre a representação do corpo; Flament (1982), sobre a representação dos grupos; Lage (1978), sobre as representações da profissão de investigador científico; Marques (1984), sobre as representações do desemprego — são meramente exemplos da multiplicidade de direcções em que se desenvolveu o campo da pesquisa inaugurado com Durkheim e reaberto por Moscovici. A aceitar o prognóstico deste último autor — de que nos abeiramos de um ponto de inflexão no desenvolvimento da Psicologia Social que inaugurará uma nova era, sucedânea das etapas anteriores que tiveram por paradigma o estudo das estruturas atitudinais e, depois, das modalidades sociais da cognição (Moscovici, 1982) — estaríamos então perante uma situação interessante: o de ser aquele que é considerado como o mais antipsicológico dos autores sociológicos quem veio a contribuir decisivamente para a elaboração de um conceito susceptível de consolidar a unidade da Psicologia.

A sabedoria popular afirma que «em casa de ferreiro, espeto de pau». É bem possível que assim seja, se não para esses dignos profissionais em vias de extinção que são os ferreiros, pelo menos para outros profissionais em fase de expansão, como os psicólogos. Só assim se compreende que esteja por fazer uma Psicologia dos psicólogos, e o relativo desinteresse com que a nossa classe profissional encara o estudo de si própria. Se, como um dia afirmou um psicanalista amaldiçoado, a neurose é o não-dito, tudo leva a crer que os psicólogos vivem encapsulados num circuito neurótico de não-explicitações das clivagens que são sentidas por todos mas raramente assumidas no confronto directo de ideias. Bastará irmos a dois ou três dos muitos simpósios ou congressos com que somos todos os anos brindados em Portugal para verificarmos que eles se caracterizam por monólogos de oradores inexplícitos sem eco em assembleias passivas. Existe como que uma regra tácita acerca da inutilidade da discussão, com o pressuposto implícito de que as visões do mundo e do homem, quando não coincidentes, são reciprocamente incompreensíveis e irredutivelmente imper-

meáveis à mudança. Os psicólogos não raro se enclausuram em redes sociais de cumplicidade teórico-metodológicas, em que os membros de cada rede se reforçam reciprocamente na confirmação da excelência do seu próprio modelo e no desprezo soberano pela miséria dos modelos alheios, dando assim mostra da mais flagrante manifestação de provincianismo cultural.

No cerne desta questão situam-se as representações que os agentes práticos e teóricos da Psicologia, os psicólogos, fazem da sua própria disciplina e da sua própria prática. Este trabalho visa continuar outros anteriormente realizados sobre a «Psicologia» dos psicólogos portugueses (Soczka, Vala e Bairão, 1981), onde se procedeu à análise da matriz de relações sócio-profissionais e à proposta de uma taxonomia dos psicólogos em Portugal. Considerou-se relevante procurar a resposta às questões: quais as representações que os psicólogos têm da sua própria prática? Estarão essas representações codependentes das clivagens prático-teóricas dos psicólogos? Existirão relações de circularidade entre as representações e as opções práticas? Quais as relações entre as representações individuais dos psicólogos e as representações dos sub-grupos profissionais?

## 2. METODOLOGIA E CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

Como o sublinhou DiGiacomo (1981), a própria complexidade do conceito de representação social levou a que uma pluralidade de técnicas e de métodos tenham sido empregues no seu estudo: listas de adjetivos (Maisonneuve, 1979), associação livre de palavras (Vala, 1981), questionários extensivos (Moscovici, 1961), entrevistas semidirectivas (Herzlich, 1969), diferenciadores semânticos (Vala, 1979). A conclusão a extrair será, com DiGiacomo, a de que, bem mais importante do que a questão da relativa fecundidade desta ou daquela técnica de levantamento da informação, é o problema do próprio modelo de dados inerente ao conceito de representação social. E num ponto todos os autores convergem: mais do que de representação social dever-se-á falar de representações sociais, dado o carácter multi-dimensional de que se reveste inevitavelmente o

fenómeno e a sua organização num sistema de cognições complexo e plurifacetado.

Para o estudo das representações que os psicólogos têm da Psicologia, optou-se, assim, pelo recurso a um modelo teórico que nos pareceu adequado a esta exigência: a teoria dos constructos pessoais de George Kelly (1955), é pelo processamento computacional dos dados recolhidos mediante a técnica das Grelhas de Kelly através de programas de análise estatística multidimensional, nomeadamente, a Análise Factorial das Correspondências (AFC, cf. Benzécri, 1976; Lebart et al., 1977). Para o processamento estatístico das Grelhas de Kelly, uma multiplicidade de técnicas têm sido utilizadas, desde a análise factorial e a análise em componentes principais (cf. p.e. Slater, 1964; 1977; Bannister e Fransella, 1977; Stringer, 1980), até às técnicas de conglomeração (cf. p. e. Shaw, 1978) e as análises não-métricas da família MDS (cf. p. e. Rathod, 1981).

Entre estas, a análise em componentes principais foi privilegiada, sobretudo pelo facto de P. Slater ter construído um conjunto de programas, patrocinado pelo Medical Research Council britânico, especificamente vocacionados para o processamento das Grelhas de Constructos (Grid Analysis Package), hoje divulgados em mais de 150 instituições de ensino e investigação de todo o mundo, e de ter matematicamente demonstrado a possibilidade de projecção, num espaço esférico conjunto, das saturações factoriais obtidas segundo a técnica R e a técnica Q (Cattell, 1966), ou seja, a possibilidade de associação matemática dos constructos e dos elementos de uma grelha individual ou de um conjunto de grelhas do mesmo ou diferentes indivíduos (cf. Slater, 1977). Na prática, o método reveste-se de uma razoável complexidade e a nosso ver não oferece vantagem em relação à técnica da AFC, com a desvantagem de assumir um modelo de escalamento métrico para dados ordinais, semi-ordinais ou mesmo, no caso das Grelhas Dicotómicas, para dados nominais ou binários. A AFC, como é sabido, adopta uma solução de  $\chi^2$  que permite superar estes inconvenientes, e é aplicável por excelência nos casos em que por resultado se pretende a projecção conjunta das variáveis-linha e das variáveis-coluna de uma matriz de dados — no nosso caso, constructos e elementos.

Foram inquiridos 50 psicólogos, dez por cada uma das cinco áreas de prática profissional, cujas características são descritas no Quadro I.

Na aplicação das grelhas foi utilizado o método das tríades (Bannister e Mair, 1968). Após a produção de 10 constructos, o sujeito era solicitado a atribuir valores numéricos aos elementos, segundo uma escala ordinal de sete pontos, ancorada no pólo superior ao componente da dicotomia construída em que se enquadrava o elemento «prática ideal».

A Fig. 1 ilustra uma grelha-tipo (como do sujeito E6), em que ORG = prática dos psicólogos organizacionais, EDU = prática dos psicólogos educacionais, CLI = prática dos psicólogos clínicos, TER = prática dos psicoterapeutas, MIM = prática real do sujeito respondente, IDEAL = ideal de prática. A polaridade dos constructos foi definida sempre em função da prática ideal.

A Fig. 1 ilustra uma grelha-tipo (como do sujeito E6), em que ORG = prática dos psicólogos organizacionais, EDU = prática dos psicólogos educacionais, CLI = prática dos psicólogos clínicos, TER = prática dos psicoterapeutas, MIM = prática real do sujeito respondente, IDEAL = ideal de prática. A polaridade dos constructos foi definida sempre em função da prática ideal.

### 3. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS REPRESENTAÇÕES

Os constructos produzidos pelos sujeitos foram submetidos a uma análise de conteúdo, visando reuni-los de forma coerente em grandes categorias que facilitassem a compreensão do conjunto, para lá da

Quadro I

*Características dos sujeitos por grupo profissional*

Grupo profissional	N	Sexo		Idade		Anos de prática profissional	
		H	M				
Organizacional .....	10	6	4	33.4	5.4	4.5	3.9
Educacional .....	10	4	6	34.0	6.6	7.7	6.3
Clínica .....	10	4	6	34.8	9.3	6.1	4.8
Psicologia .....	10	4	6	34.9	6.4	7.3	4.3
Social .....	10	6	4	36.5	7.6	8.2	4.9

	ORG.	EDU.	CLI.	TER.	SOC.	MIM.	IDEAL	CONSTRUCTOS:	
1	✗ 7	✗ 5	— 1	⊖ 1	✗ 4	⊗ 5	⊗ 7	Subordinados ao modelo médico	— Independentes do modelo médico
2	⊗ 7	⊗ 5	⊖ 1	— 1	✗ 5	✗ 5	✗ 7	Atribuições causais ao sujeito	— Atribuições causais à situação
3	✗ 5	✗ 6	⊖ 3	⊖ 3	⊗ 5	✗ 6	✗ 6	Estática	— Dinâmica
4	⊖ 1	⊗ 6	✗ 4	✗ 4	✗ 6	⊗ 5	✗ 6	Crítérios de rendibilidade	— Crítérios de adequação sujeito/meio
5	✗ 5	✗ 6	⊖ 2	— 3	⊗ 5	✗ 6	⊗ 7	Perspectiva reducionista	— Perspectiva ecológica
6	✗ 4	⊗ 5	⊖ 2	⊖ 2	✗ 6	✗ 6	✗ 6	Mudanças do sujeito	— Mudanças do meio
7	⊖ 2	— 3	— 2	✗ 6	⊗ 5	✗ 6	⊗ 5	Usam testes	— Não usam testes
8	✗ 6	⊗ 6	— 2	⊖ 2	✗ 6	⊗ 6	✗ 6	Interpretação	— Observação
9	✗ 6	✗ 8	⊖ 2	— 2	⊗ 6	✗ 6	⊗ 6	Explicação	— Descrição
10	⊗ 5	✗ 6	⊖ 2	⊖ 2	✗ 6	✗ 6	✗ 6	Fenómenos individuais	— Fenómenos sociais

Fig. 1

multiplicidade aparente das respostas. Uma primeira leitura das respostas permitiu construir um modelo simples de análise dos 500 constructos solicitados ao conjunto dos psicólogos inquiridos. Esse modelo é representado na Fig. 2 e distingue três grandes categorias de constructos:

a) constructos respeitantes à acção dos psicólogos; dividiu-se esta categoria em sete subcategorias de análise:

a.1. objectivos da acção (p. ex. remediar-prevenir; aplicação-investigação, etc.);

a.2. alvos da acção (p. ex. crianças-adultos);

a.3. objectos teóricos de acção (p. ex. individual-social);

a.4. modelos da acção (p. ex. fenomenologia-ciência);

a.5. métodos da acção (p. ex. relação indirecta-relação directa com os sujeitos);

a.6. técnicas de acção (p. ex. técnicas quantitati-

vas-técnicas qualitativas);

a.7. consequências da acção (p. ex. conservação-transformação).

b) Constructos respeitantes ao agente, dividiu-se em duas subcategorias:

b.1. formação profissional do agente (p. ex. básica-complementar);

b.2. motivação do agente (p. ex. lucro-prazer).

c) Constructos respeitantes ao contexto da acção, dividindo-se em duas subcategorias:

c.1. contexto global da acção (p. ex. ao serviço do patronato — ao serviço das pessoas);

c.2. contexto profissional da acção (p. ex. regime assalariado — regime liberal).

O Quadro II contém a distribuição dos constructos produzidos, pelas categorias e subcategorias acima descritas, para cada grupo profissional.

Como se pode constatar no quadro acima, 79%

Quadro II

<i>Categorias e Constructos</i>	<i>Organ.</i>	<i>Educ.</i>	<i>Clin.</i>	<i>Psicot.</i>	<i>Social</i>	<i>N</i>	<i>% de referentes</i>
<b>1. Consequências</b> % de referências independentes	30%	30%	20%	60%	30%		
C1 Conservação — Mudança	2	1	2	6	3	14	28%
<b>2. Modelos</b> % de referentes independentes	70%	60%	40%	40%	80%		
Mo1 Intraprésiquico — Situacional	6	6	2	3	4	21	42%
<b>3. Métodos</b> % de referentes independentes	80%	70%	100%	70%	70%		
Me1 Intervenção — Intervenção imediatá no tempo	3	2	4	2	1	12	24%
Me3 Objectivos — Subjectivos	2	3	4	1	4	14	28%
Me5 Relação — Relação indirecta directa	3	3	5	5	2	18	36%
<b>4. Técnicas</b> % de referentes independentes	30%	60%	30%	80%	50%		
T1 Quantitativas — Qualitativas	1	3	1	4	5	14	28%
<b>5. Objectivos</b> % de referentes independentes	80%	100%	100%	100%	100%		
01 Aplicar — Investigar	3	5	2	4	6	20	40%
02 Analisar — Intervir	3	5	5	8	7	28	56%
03 Conservar — Mudar	3	1	3	1	4	12	24%
04 Produtividade — Realização do sujeito	3	4	3	6	•	16	32%
05 Agir sobre — Agir sobre instituições ou o indivíduo grupos sociais	4	4	5	7	1	21	42%
08 Teorizar — Agir	1	•	4	•	5	10	20%
<b>6. Objectos Teóricos</b> % de referentes independentes	100%	90%	90%	90%	100%		
OT1 Patologia — Normalidade	3	5	4	3	4	19	38%
OT2 Individual — Social	10	7	9	7	10	43	86%
OT3 Âmbito restrito — Âmbito vasto	8	4	3	4	4	23	46%
<b>7. Alvos de Acção</b> % de referentes independentes	30%	60%	50%	20%	20%		
A1 Crianças — Adultos	3	6	5	2	2	18	36%
<b>8. Contexto Profissional</b> % de referentes independentes	90%	50%	50%	60%	70%		
X1 Acção constrangida — Liberdade de acção	6	3	3	2	4	18	36%
X2 Assalariado — Liberal	3	3	1	4	3	14	28%
X4 Mal pagos — Bem pagos	2	4	3	•	2	11	22%

CONSTRUCTOS REFERIDOS POR 20% OU + DOS SUJEITOS

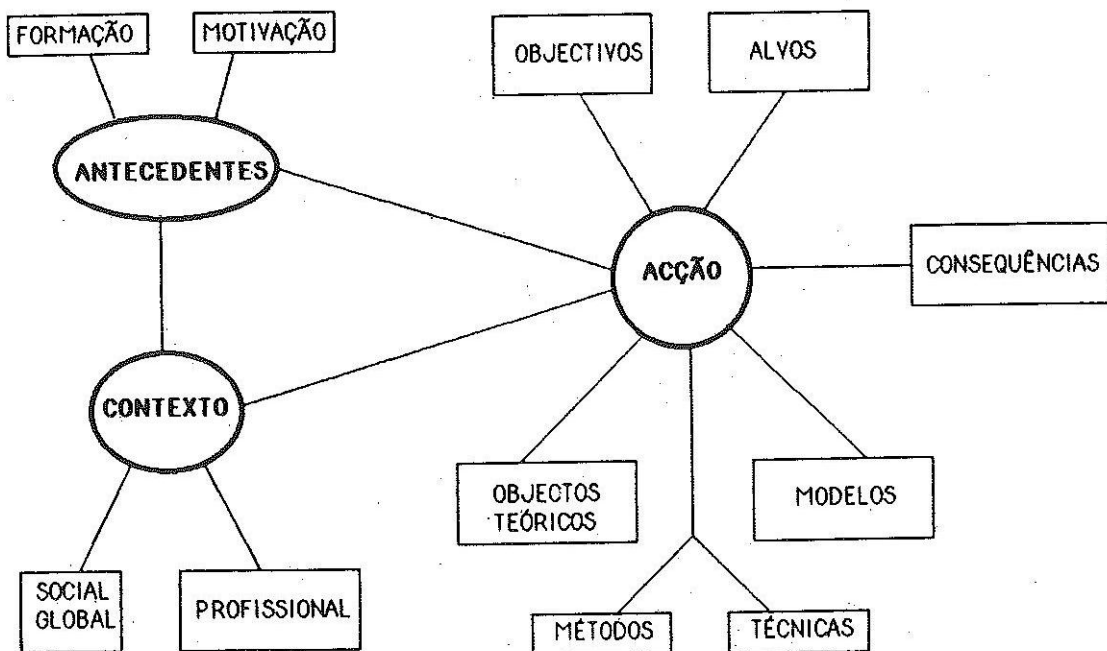


Fig. 2

Esquema do modelo de Análise de Conteúdo utilizado

dos constructos produzidos pelos psicólogos referem-se à acção profissional, 18% ao contexto dessa acção e só 3% ao agente.

Procedeu-se a uma Análise Factorial de Correspondências dos constructos mais utilizados pelos psicólogos (utilizando-se o critério de recorrência de pelo menos 20% dos psicólogos a uma mesma subcategoria de constructos: cf. Quadro II). Este procedimento visava isolar a estrutura de associações entre os grupos profissionais e os constructos anotados com as práticas ideais, o que nos permitiria compreender a arquitectura conceptual subjacente à construção das identidades próprias a cada grupo profissional de psicólogos.

Foram extraídos 4 factores responsáveis por 100% da inércia total (Quadro III). O primeiro plano responde por 71.7% da inércia.

Nos Quadros IV e V, figuram respectivamente as contribuições relativas dos elementos para os fac-

Quadro III

	Factor I	Factor II	Factor III	Factor IV
%	52.6	19.1	15.8	12.5
% acum.	52.6	71.7	87.5	100.0

tores e dos factores para os elementos. A Fig. 3 representa o plano factorial definido pelos dois primeiros eixos. Conforme se pode constatar pelo Quadro IV, o primeiro factor é explicado em 98.4% pela oposição dos psicólogos sociais (SOC) versus clínicos (CLI) e psicoterapeutas (TER). O segundo eixo é explicado em 77% pelo grupo dos psicólogos organizacionais (ORG), sendo irrelevantes as contribuições dos restantes grupos para a sua explicação. Os psicólogos educacionais (EDU) praticamente não contam para a explicação deste primeiro plano (menos de 1% do conjunto constituído pelos dois primeiros factores). Por outro lado, a análise do Quadro IV permite-nos constatar que os psicólogos sociais são praticamente enquadrados pela explicação dada pelo primeiro factor (89.4%) e pelo primeiro plano (97.4%); os psicólogos clínicos e os psicoterapeutas encontram mais de metade da sua explicação no primeiro plano (respectivamente 58.1% e 56.1%).

A interpretação das associações entre os grupos profissionais e constructos como tidos com a prática ideal permite-nos ver que o primeiro factor opõe duas identidades grupais, internamente consistentes e de grande peso no conjunto do modelo: os psicólogos sociais, por um lado, que associam a sua prática ideal



Quadro IV

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
ORG	1.70	77.00	0.37	2.15
EDU	0.00	0.57	0.07	79.10
CLI	19.30	6.35	46.20	7.48
TER	21.00	1.84	53.00	4.63
SOC	58.10	14.20	0.31	6.69
mud	0.63	0.66	15.90	8.50
itp	0.09	17.80	2.88	2.62
sit	1.22	1.11	0.00	5.62
ime	0.47	4.76	2.70	0.02
tmp	4.31	0.10	1.27	1.08
obj	3.53	3.21	3.66	2.57
sub	2.45	0.35	2.54	5.96
rin	3.88	2.62	0.07	1.87
dir	3.34	0.08	0.54	0.63
qtt	4.22	9.14	9.19	1.35
gal	3.16	0.01	0.01	0.28
apl	5.17	2.44	16.40	1.62
inv	10.60	0.00	0.65	0.35
anl	0.41	5.17	0.06	2.86
int	1.53	1.90	3.75	1.03
pro	0.13	15.60	0.09	0.66
rsj	5.54	0.01	3.47	3.67
teo	2.86	13.50	10.50	13.80
agi	0.47	0.52	3.52	4.40
pat	6.10	4.77	4.54	0.23
nor	5.40	0.00	1.31	3.57
ind	11.30	0.06	3.82	0.81
soc	21.20	1.77	0.80	1.51
art	0.87	5.46	0.00	1.16
avt	0.00	8.94	0.54	0.07
cri	0.19	0.00	2.02	33.80
adu	0.96	0.05	9.81	0.02

Quadro V

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
ORG	5.63	92.30	0.36	1.69
EDU	0.00	1.08	0.11	98.80
CLI	51.90	6.20	37.10	4.79
TER	54.30	1.73	41.10	2.86
SOC	89.40	7.96	0.15	2.46
mud	8.22	3.13	62.10	26.60
itp	1.08	80.40	10.70	7.77
sit	41.20	13.60	0.01	45.20
ime	15.70	57.30	26.80	0.15
tmp	86.50	0.69	7.63	5.17
obj	55.20	18.20	17.10	9.56
sub	51.50	2.70	15.90	29.80
rin	73.20	17.90	0.40	8.44
dir	90.80	0.74	4.42	4.06
qtt	39.80	31.30	25.90	3.03
gal	97.70	0.13	0.08	2.08
apl	45.60	7.80	43.20	3.41
inv	97.40	0.00	1.79	0.78
anl	13.80	62.80	0.61	22.80
int	42.60	19.30	31.30	6.85
pro	2.10	94.80	0.45	2.65
rsj	74.30	0.04	13.90	11.70
teo	20.20	34.50	22.20	23.20
agi	17.10	6.87	38.10	38.00
pat	66.00	18.70	14.70	0.60
nor	81.30	0.01	5.90	12.80
ind	89.30	0.17	9.02	1.52
soc	94.50	2.86	1.07	1.61
art	27.90	63.30	0.03	8.85
avt	0.10	94.70	4.71	0.49
cri	2.18	0.00	6.81	91.00
adu	24.40	0.47	75.00	0.13

à relação indirecta com os sujeitos, à fundamentação teórica, ao recurso a técnicas quantitativas, à centração sobre o social como objecto teórico, à investigação e à delimitação da sua actuação ao quadro da normalidade psicológica; os psicólogos clínicos e os psicoterapeutas, por outro lado, apresentam em conjunto um mesmo padrão, antagónico ao dos psicólogos sociais: a sua prática ideal conota-se com a incidência sobre o foro psicopatológico, a aplicação (por oposição à investigação), a intervenção no tempo, a relação directa com o sujeito (cliente/paciente), a centração sobre o indivíduo (por oposição aos fenómenos sociais), o recurso a técnicas qualitativas, a métodos subjectivos, a procura da

realização psicológica do sujeito.

O primeiro plano contém ainda, isolados pelo segundo eixo, e em independência à oposição referida acima, o grupo dos psicólogos organizacionais, cuja identidade se construiu em torno da valorização da produtividade (como objectivo prático oposto à realização do sujeito), da intervenção imediata, da acção (oposta à teorização) e da valorização do paradigma explicativo intrapsíquico. Esta última conclusão pode parecer paradoxal, já que surge como contraditória em relação aos modelos dominantes na psicologia organizacional contemporânea. Creemos que mais adiante, ao analisarmos as estruturas internas de cada grupo profissional encontraremos as

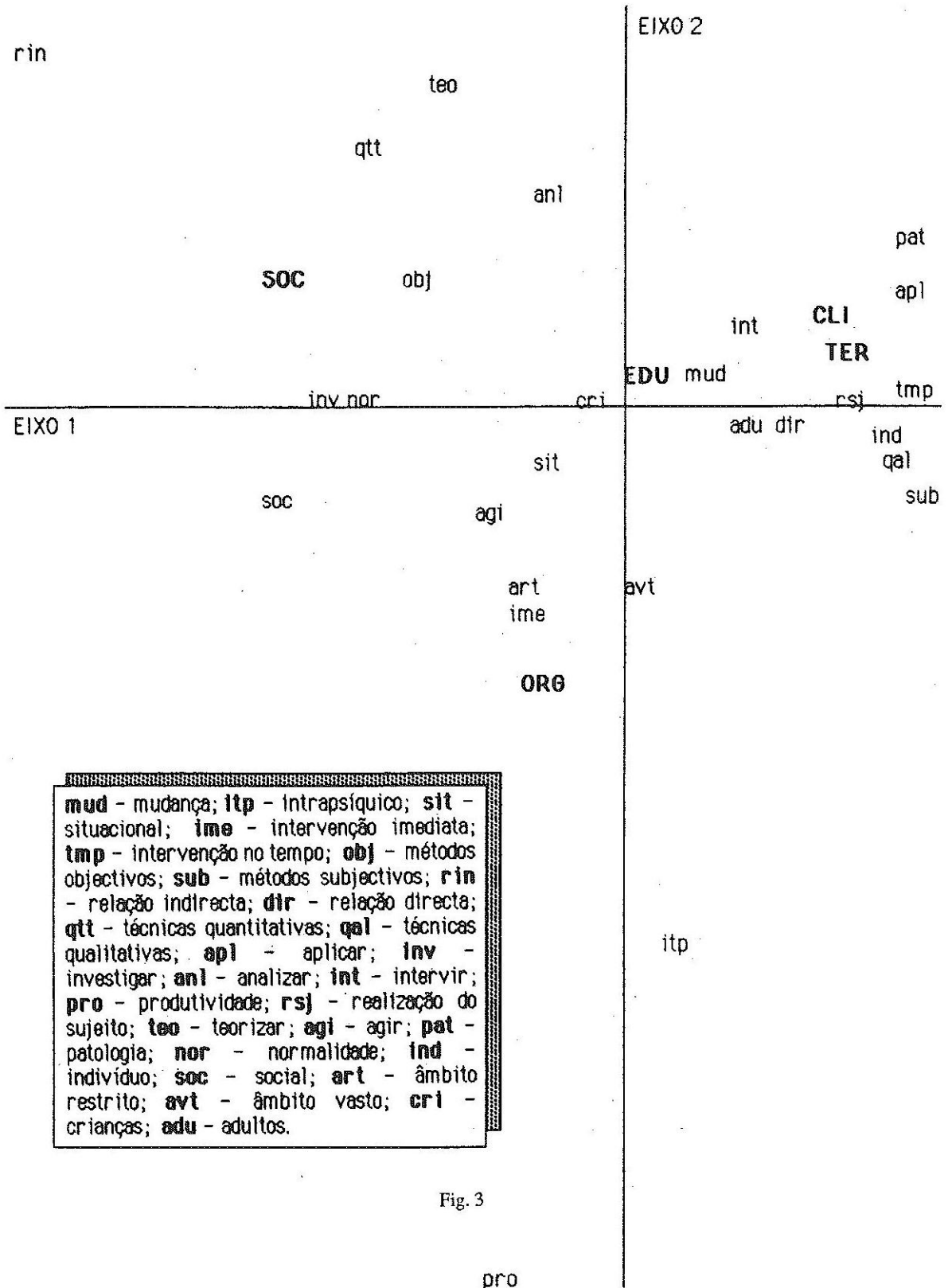


Fig. 3

razões de ser desta dissonância. À data da nossa recolha de dados (1985), tudo leva a crer que a identidade profissional dos psicólogos organizacionais não estivesse ainda consolidada, dada a proporção elevada de psicólogos sem formação especificamente voltada para a problemática organizacional (oriundos da área clínica, por exemplo) a desempenhar funções de psicólogos organizacionais em empresas, para as quais transportavam os seus modelos e paradigmas clássicos, ou mesmo psicoterapêuticos. A constelação de constructos que no presente estudo surgem associados à identidade dos psicólogos organizacionais surge-nos assim como uma miscelânea de critérios próprios, critérios sociais e critérios clínico-terapêuticos.

Os terceiro e quarto factores são particularmente interessantes, dado que o factor III permite-nos distinguir os clínicos dos psicoterapeutas e o último factor representa os psicólogos educacionais, praticamente ausentes até então do modelo explicado.

A análise do terceiro factor permite-nos compreender que, embora clínicos (CLI) e psicoterapeutas (TER) se reúnam num mesmo grupo por oposição à identidade específica dos psicólogos sociais (SOC), existe todavia uma clivagem interna, correspondendo às identidades próprias dos clínicos e dos terapeutas. Assim, os clínicos entrevistados surjem opostos no eixo 3 aos terapeutas, e distinguem-se destes por uma maior valorização da *teoria*, dos modelos *psicopatológicos*, pela maior importância acordada nos *métodos objectivos*; enquanto os psicoterapeutas criam a sua identidade em relação aos clínicos pela maior valorização da intervenção no sentido da *mudança*, da *aplicação* e dos modelos explicativos *intrapésquicos*.

O quarto factor, que explica quase totalmente (98.8%) a identidade dos psicólogos educacionais (EDU), associa a este grupo a prática incidente sobre *crianças*, a valorização da *análise descritiva* (por oposição à *intervenção*), os modelos explicativos *situacionais*, o recurso a *técnicas objectivas* e, em menor grau, a delimitação do seu objecto à *normalidade psíquica*. Veremos no entanto mais adiante que os psicólogos educacionais se encontram, à semelhança dos organizacionais, espartilhados entre modelos antagónicos.

#### 4. PERTENÇAS, PRÁTICAS E REFERÊNCIAS NO EXERCÍCIO DA PSICOLOGIA

Define-se como *Grupo de pertença* o grupo profissional em que o sujeito declaradamente se insere; como *Grupo de prática* o grupo profissional cujo somatório dos scores de constructos se encontram a menor distância média dos scores da prática profissional atribuída pelo sujeito a si próprio; e como *Grupo de referência* o grupo profissional a menor distância média do ideal de prática do sujeito.

O Quadro VI apresenta a distribuição dos psicólogos de cada Grupo profissional em termos de grupo de prática e de grupo de referência.

Foram deduzidos e calculados vários índices para cada sujeito e para cada grupo profissional estudado, com base nos scores atribuídos pelos respondentes aos elementos, em função dos constructos.

Calculam-se, assim, nos seguintes índices individuais:

Quadro VI

*Distribuição dos sujeitos de cada Grupo Profissional em termos de Grupo de prática e de Grupo de referência*

Grupo de Pertença	Grupo de prática					Grupo de referência				
	ORG	EDU	CLI	TER	SOC	ORG	EDU	CLI	TER	SOC
ORG	9	1	0	0	0	6	1	0	2	1
EDU	0	8	1	1	0	0	7	1	1	1
CLI	0	0	9	1	0	0	0	5	4	1
TER	0	2	1	7	0	0	1	0	9	0
SOC	3	0	0	0	7	1	0	0	1	9
TOTAL	12	11	11	9	7	7	8	6	17	12

### Índice de frustração profissional

$$FP = \left( \sum_{K=1}^n |P_R - P_I| / n \right) / C$$

em que C é uma constante (C = 6) destinado a limitar o índice obtido ao intervalo de variação (0,1), PR é a prática do sujeito tal como é percebido pelo próprio (coluna MIM da grelha) e PI é o ideal de prática do sujeito (coluna IDEAL da grelha), e n = n.<sup>o</sup> de constructos (10).

FP representa a média dos valores absolutos das diferenças de scores, nos k constructos produzidos por cada sujeito, entre a prática profissional do sujeito e a sua prática ideal.

### Índice de criticismo profissional

$$CP = \left( \sum_{K=1}^n |P_I - P_{GP}| / n \right) / C$$

em que C = 6, N = n.<sup>o</sup> de constructos, PI = ideal de prática e PGp = prática percebida do grupo de pertença do sujeito. CP representa, portanto, a média dos valores absolutos das diferenças, nos k constructos, entre o ideal de prática do sujeito e a prática do grupo de pertença, tal como o sujeito a representa. CP varia entre 0 e 1.

### Índice de distanciação profissional

$$DP = \left( \sum_{K=1}^n |P_R - P_{GP}'| / n \right) / C$$

ou seja, a média dos valores absolutos das diferenças dos scores, um k constructos, entre a prática profissional do sujeito (PR) e a prática percebida do grupo de pertença (PGp, reduzido ao intervalo (0,1) mediante a divisão por C.

### Índice de isolamento profissional

$$IP = \left( \sum_{i=1}^n \left( \sum_{K=1}^n |P_R - P_{G(i)}| / n \right) \right) / 4C$$

sendo Pg(i) ≠ PGp. Ou seja: a distância média, nos k constructos, entre a prática do sujeito (PR) e as práticas percebidas dos grupos profissionais distintos do grupo de pertença do sujeito, reduzida ao intervalo de variação (0,1).

### Índice de descentração profissional

$$DC = \left( \left( \sum_{K=1}^n |P_R - \lambda| \right) / n \right) / C$$

sendo C o valor centróide do grupo de pertença do sujeito. DC é, assim, um indicador do posicionamento do sujeito (no que toca a prática profissional que ele atribui a si mesmo) em relação ao valor médio da prática pessoal percebida por todos os sujeitos.

A partir destes índices individuais calcularam-se vários indicadores de grupo, a saber:

### Índice de Frustração Profissional do Grupo

$$FPG = \left( \sum_{K=1}^n FP_i \right) / n$$

ou seja, a média dos índices de frustração profissional dos sujeitos em cada grupo.

### Índice de Dispersão Profissional do Grupo

$$DPG = \left( \sum_{i=1}^n DP_i \right) / n$$

ou seja a média grupal das dispersões profissionais DP que traduz o grau de dispersão de um grupo profissional a partir do centróide das distâncias percebidas entre as práticas de cada sujeito e aquilo que ele entende ser a prática do seu grupo de pertença.

### Índice de Criticismo Profissional do Grupo

$$CPG = \left( \sum_{i=1}^n CP_i \right) / n$$

corresponde igualmente à média grupal dos criticismos individuais CP. Traduz, para um grupo profissional, a forma como o conjunto dos sujeitos que o compõem vêem a distância entre aquilo que consideram a prática ideal e a prática percebida para esse grupo.

### Índice de Isolamento Profissional do Grupo

$$IPG = \left( \sum_{i=1}^n IP_i \right) / n$$

a média grupal dos índices de isolamento profissional, da medida da distância percebida entre as práticas dos sujeitos do grupo e as práticas atribuídas aos restantes grupos profissionais.

No Anexo I figuram os valores encontrados para

os 50 psicólogos estudados e para os 5 grupos profissionais em que eles se integram. Pela análise do Quadro VI, podia-se já constatar que para os psicólogos não existe coincidência total entre o grupo profissional em que se integram (grupo de pertença), o grupo profissional cuja prática representam como mais próxima da sua (grupo de prática) e o grupo cuja prática é representada como mais próxima da prática ideal (grupo de referência).

Assim, os psicólogos organizacionais (ORG) são, juntamente com os clínicos (CLI), aqueles que mais fazem coincidir o grupo de prática com o grupo de pertença (90% em ambos os casos), seguidos dos psicólogos educacionais (80%), sociais e psicoterapeutas (70% em ambos os casos). De forma geral, todavia, constata-se uma maioria significativa de coincidências entre as práticas que os sujeitos representam como suas e dos seus grupos de pertença. Maior dispersão encontramos, já, quando se tem em conta o confronto com as práticas ideais: para 40% dos psicólogos organizacionais, as práticas ideais de referência são a *psicoterapia* (10%), a *educacional* (10%) e a *social* (10%), para 50% dos psicólogos clínicos, as referências ideais são a *psicoterapia* (40%) e a *social* (10%); e para 30% dos psicólogos educacionais as práticas ideais de referência são a *clínica* (10%), a *psicoterapia* (10%) e a *social* (10%). Apenas no caso dos *psicoterapeutas* e dos *psicólogos sociais* se verifica uma coincidência de 90% entre grupo de pertença e grupo de referência: apenas 10% dos psicoterapeutas referem como prática ideal a *psicologia educacional* e 10% dos psicólogos sociais a *psicologia organizacional*.

Se bem que estes resultados permitam uma primeira panorâmica geral do desfasamento entre as práticas dos psicólogos e as suas referências ideais, não seria prudente limitar a análise aos resultados patentes no Quadro VI. Efectivamente, aí apenas figuram os resultados referentes às *distâncias mínimas* a que acima se fez alusão. Como se pode constatar pela observação dos resultados individuais que figuram no Anexo I, só uma análise estatística que atenda às por vezes pequenas diferenças de valores entre os indicadores individuais pode permitir conclusões mais rigorosas e consubstanciadas.

Construíram-se duas matrizes contendo os valores, para cada indivíduo, das proximidades (100 — as distâncias entre a prática profissional do sujeito e a prática representada para cada grupo profissional por esse mesmo sujeito; no Anexo I, «distâncias de MIM

aos GRUPOS»); e entre o ideal de prática do sujeito e as práticas representadas para cada grupo (100 — «distâncias do IDEAL aos GRUPOS»). Cada uma destas matrizes de 50 (indivíduos) x 5 (grupos profissionais) foi então submetida a uma Análise Factorial de Correspondências (AFC).

#### 4.1. AFC das proximidades entre a prática dos sujeitos e a prática profissional representada dos Grupos

Na AFC da matriz correspondente às proximidades entre a prática dos sujeitos e a prática representada dos grupos profissionais, ressaltam três factores, responsáveis por 93.5% da inércia do número de pontos. O Quadro VII apresenta as inércias explicadas por cada um destes Factores. Um quarto factor, responsável pelos restantes 6.5% da inércia total, não nos pareceu acrescentar nada de substancial à interpretação do modelo.

Quadro VII

*Inércia explicada por factor (%)*

	<i>Factor I</i>	<i>Factor II</i>	<i>Factor III</i>
%	70.8	13.4	9.3
% acumulada	70.8	84.2	93.5

O Quadro VIII apresenta as contribuições relativas (%) dos grupos e dos sujeitos para cada factor considerado na análise, e o Quadro IX apresenta a contribuição (%) de cada factor para os grupos e sujeitos. A representação gráfica do primeiro plano constituído pelos dois primeiros factores (84.2% da inércia total) encontra-se na Fig. 4.

É visível, pela análise do Quadro VIII e da Fig. 4, que para o primeiro factor contribui exclusivamente a oposição entre os grupos ORG-SOC e os grupos TER-CLI, que o explica em 96.7%. Por seu turno o Quadro IX permite verificar que estes elementos são grandemente explicados pelos dois primeiros factores: apenas a prática da psicologia educacional (EDU) é explicada em menos de 80% no primeiro plano. Com efeito, o grupo de psicólogos educacionais (EDU) é explicado em 31% pelo primeiro plano e em 68% pelo terceiro factor, demarcando-se assim da grande clivagem entre sociais-organizacionais e clínicos-terapeutas.

	FACTOR 1	FACTOR 2	FACTOR 3
--	----------	----------	----------

ORG	31.60	19.00	20.10
SOC	21.80	47.20	1.43
EDU	0.18	18.30	59.80
CLI	21.80	3.03	18.30
TER	24.60	12.50	0.35

o1	0.09	0.15	0.43
o2	0.48	1.54	0.18
o3	0.23	1.47	0.67
o4	2.34	0.02	15.50
o5	3.84	1.85	0.38
o6	1.20	0.69	0.13
o7	11.50	4.38	2.67
o8	0.97	1.52	2.42
o9	5.57	0.26	0.18
o0	0.73	0.01	1.21
s1	2.11	1.06	0.39
s2	4.15	1.28	1.80
s3	2.55	2.50	0.16
s4	2.19	0.04	0.34
s5	1.63	3.02	4.17
s6	1.00	2.06	1.86
s7	0.82	0.71	0.39
s8	1.84	5.59	0.49
s9	0.93	2.81	0.75
s0	2.32	1.81	0.01
e1	0.00	0.86	2.54
e2	0.87	0.17	3.62
e3	1.27	0.01	5.39
e4	2.51	2.62	8.70
e5	3.86	2.73	3.08
e6	2.54	0.03	10.70
e7	0.80	0.18	2.90
e8	0.45	0.83	0.77
e9	2.66	0.38	2.08
e0	0.00	4.41	0.02
c1	1.29	0.92	0.01
c2	0.89	16.90	2.93
c3	6.35	0.10	1.04
c4	0.55	0.19	0.92
c5	1.04	0.01	1.90
c6	0.28	0.53	0.53
c7	2.46	0.35	4.36
c8	0.90	0.01	0.60
c9	6.40	7.00	0.49
c0	0.67	0.21	0.06
t1	3.63	2.61	0.12
t2	2.87	0.49	3.13
t3	1.80	6.91	1.05
t4	3.48	1.21	0.54
t5	0.66	0.42	0.00
t6	1.97	2.38	5.52
t7	0.02	14.20	0.51
t8	2.93	0.53	0.09
t9	0.12	0.00	0.44
t0	0.25	0.01	1.90

QUADRO VIII

	FACTOR 1	FACTOR 2	FACTOR 3
--	----------	----------	----------

ORG	81.50	9.22	6.80
SOC	68.50	28.00	0.59
EDU	1.55	30.10	68.10
CLI	77.30	2.03	8.48
TER	79.60	7.62	0.15

o1	52.00	15.70	32.00
o2	59.90	36.00	2.89
o3	29.40	35.70	11.30
o4	53.10	0.10	46.00
o5	89.50	8.13	1.15
o6	89.10	9.63	1.23
o7	88.30	6.35	2.69
o8	59.60	17.70	19.60
o9	98.30	0.89	0.42
o0	62.70	0.15	13.50
s1	87.50	8.31	2.13
s2	87.30	5.09	4.96
s3	81.10	15.00	0.67
s4	96.80	0.31	1.99
s5	53.30	18.60	17.80
s6	44.20	17.20	10.80
s7	81.30	13.30	4.99
s8	60.30	34.50	2.08
s9	51.60	29.30	5.44
s0	87.00	12.80	0.05
e1	0.66	32.20	62.20
e2	59.50	2.18	32.30
e3	61.50	0.05	34.20
e4	54.80	10.80	24.90
e5	80.60	10.70	8.41
e6	64.10	0.14	35.30
e7	60.10	2.51	28.40
e8	60.90	21.50	13.80
e9	86.60	2.34	8.84
e0	0.16	92.30	0.23
c1	58.40	7.85	0.06
c2	19.50	69.90	8.38
c3	97.40	0.28	2.09
c4	77.10	4.98	17.10
c5	78.30	0.18	18.70
c6	39.30	13.80	9.61
c7	71.60	1.91	16.70
c8	91.70	0.63	8.01
c9	82.20	16.90	0.83
c0	81.30	4.76	0.91
t1	79.20	10.70	0.33
t2	83.80	2.69	12.00
t3	48.10	34.80	3.67
t4	91.90	6.06	1.88
t5	64.50	7.88	0.03
t6	62.40	14.20	22.90
t7	0.38	49.90	1.23
t8	94.30	3.23	0.37
t9	56.60	0.00	26.90
t0	39.80	0.30	39.50

QUADRO IX

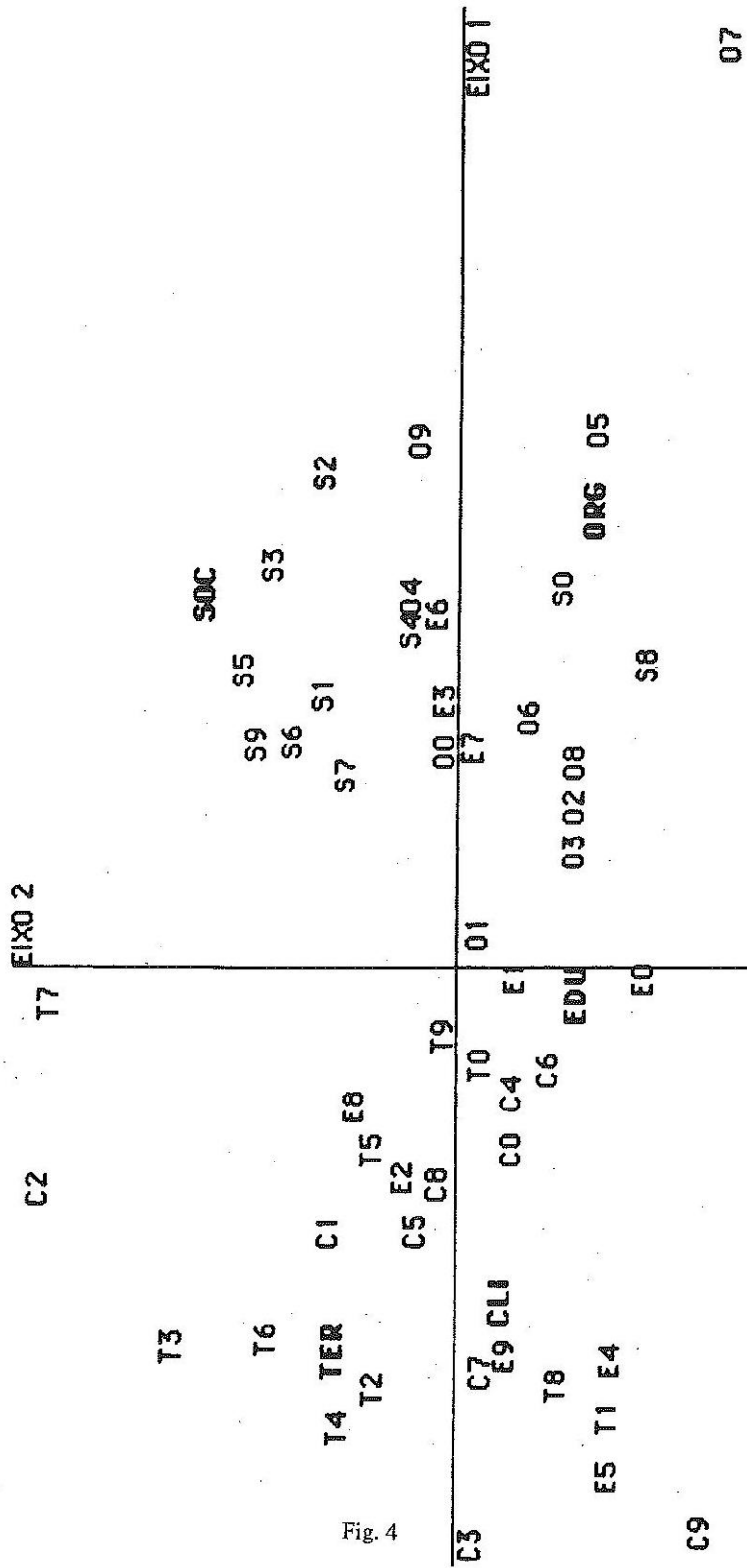


Fig. 4

Atente-se então à Fig. 4. É visível que, no plano da prática, os psicólogos sociais (S1, ..., S0) constituem um grupo profissional relativamente coeso em termos de coincidência entre a representação que têm da sua própria prática e da prática do seu grupo de pertença, sendo excêntricos ao seu grupo os sujeitos S0 e S8 (claramente identificando a sua prática com a dos psicólogos organizacionais). A consulta dos dados pessoais incluídos na ficha destes colegas, revela que um destes psicólogos sociais exerce funções de docência de Psicologia Social mas também de consultadoria e formação profissional em empresas, e o outro exerce simultaneamente investigação em Psicologia Social e docência em organizações.

Os psicólogos organizacionais, que acompanham os sociais na oposição conjunta aos clínicos e psicoterapeutas em termos do primeiro factor, opõem-se a eles no segundo eixo, juntamente com os psicólogos educacionais. É visível a radiação dos psicólogos organizacionais que, se bem que em 90% apontem como grupo de prática o seu próprio grupo de pertença, vêm no entanto essa prática influenciada pelas representações que fazem das práticas dos outros grupos profissionais, particularmente a da Psicologia Social e a da Psicologia Educacional, e, em certos casos, até pelas práticas clínicas e psicoterapêuticas: é nítido o caso de O1, que, como se pode ver através do Anexo I, não assinala distâncias consideravelmente distintas entre a sua própria prática e a de nenhum dos grupos profissionais considerados. A consulta dos seus dados pessoais permite compreender este facto: o psicólogo O1 acumula o exercício de gestão empresarial e da Psicologia Organizacional com o exercício de clínica psicoterapêutica e treino grupal analítico.

Os psicólogos clínicos (C1, ..., C0) e os psicoterapeutas (T1, ..., T0) revelam uma representação das suas próprias práticas profissionais diametralmente oposta à representação que têm das práticas dos psicólogos sociais e organizacionais. Existe, todavia, um maior número de casos excêntricos nestes dois grupos profissionais: o psicoterapeuta T7, por exemplo, surge no extremo do segundo eixo, já que define simultaneamente a sua prática de grupalista por identificação ao seu grupo de pertença, mas sobretudo por distanciação em relação aos psicólogos clínicos e aos psicólogos educacionais, aproximando-se mais do modelo prático da psicologia social. O psicólogo clínico C2 acompanha-o nestas

representações, distanciando-se na sua prática simultaneamente dos psicólogos educacionais e dos psicólogos organizacionais, e identificando a sua prática profissional simultaneamente com a dos psicoterapeutas e com a dos psicólogos sociais. Os psicólogos clínicos C3 e C9, por seu turno, são os que vêm a sua prática como mais distante da prática dos psicólogos sociais e dos organizacionais, colocando-se no extremo oposto do eixo.

Os psicólogos educacionais revelam neste primeiro plano um padrão interessante: a sua prática encontra-se aparentemente espartilhada entre os modelos clínico e psicoterapêutico (E5, E4, E9, E8, E2) e os modelos social e organizacional (E7, E6, E3), o que indica uma coexistência de paradigmas antagónicos no seio da Psicologia Educacional. Efectivamente, a análise de dados pessoais dos psicólogos educacionais estudados revela que eles se clivam em dois subgrupos distintos: os que exercem actividade sobretudo institucional e centrada sobre a prevenção primária (actuando junto de agentes educacionais e instituições de ensino) e os que exercem o que se poderia designar por uma Psicologia Educacional-Clínica, actuando sobretudo junto dos sujeitos individuais em operações directamente educativas e no plano de prevenção secundária. Teremos ocasião de rever este problema mais adiante.

O terceiro factor, todavia parece ser o que representa a identidade específica dos psicólogos educacionais, para lá das divergências reveladas pelo primeiro factor, como se viu acima.

#### 4.2. AFC dos ideais de prática dos sujeitos

A segunda Análise de Correspondências incidiu sobre a matriz de proximidades (100 — «Distâncias do Ideal aos Grupos»; cf. Anexo I) entre os ideais de prática dos sujeitos e as suas representações da prática profissional de cada grupo. A estrutura factorial encontrada foi bastante similar à anterior, com a diferença de que nos limitaremos à análise dos dois primeiros factores, responsáveis por 84.3% da inércia total do modelo (Quadro X).

Os Quadros XI e XII apresentam, respectivamente, as contribuições relativas dos elementos coluna (Grupos) e linha (Sujeitos) para os factores, e as contribuições relativas dos factores para esses mesmos elementos. A Fig. 5 representa o plano constituído por estes dois primeiros factores. Notar-



Quadro X

% de inércia explicada pelos dois primeiros factores

	Factor I	Factor II
%	69.3	15.0
% acumulado	69.3	84.3

-se-á que a estrutura é sensivelmente similar à anteriormente encontrada, mas que as posições relativas dos sujeitos se modificam substancialmente. Tal é efeito da discrepância entre a prática real dos psicólogos e do ideal de práticas, o que é visível no Anexo I mediante a consulta dos índices de frustração profissional individuais e de grupo. Em termos de modelos, continua a verificar-se a oposição entre o pólo *social-organizacional* e o pólo *clínico-psicoterapêutico*, representado pelo primeiro factor ( $\approx 70\%$  da inércia total), que surge mais uma vez como a principal clivagem de referência para os psicólogos. No segundo eixo, encontramos a psicologia *educacional* (EDU), mas é agora mais visível o espantilhamento dos psicólogos educacionais entre os dois grandes modelos dominantes: o *social/organizacional* e o *clínico/terapêutico*. Se essa clivagem era já visível ao nível das práticas dos psicólogos, muito mais nítida é agora, em que o que está em jogo são as suas referências ideais: E0, E7, E3, E6 optam claramente por um modelo social de intervenção; E1, E8, E9, E2, E5 e E4 são nitidamente atraídos pelo modelo clínico. Curioso será notar que os próprios clínicos são absorvidos pelo modelo psicoterapêutico, que surge agora como polarizados no primeiro factor: efectivamente, convirá não esquecer (Quadro II) que 40% dos clínicos, embora não exercendo psicoterapia (*foi esse o critério de distinção entre essas duas classes de psicólogos, os clínicos e os clínicos-psicoterapeutas*) têm como referência ideal o exercício da acção psicoterapêutica. Em muitos casos, constata-se pela análise dos dados pessoais tratar-se de clínicos em treino e formação para o futuro exercício de psicoterapias.

De notar que, na esfera de influência da Psicologia Social se colocam claramente quatro psicólogos excêntricos em relação aos seus próprios grupos: o clínico C9, o psicoterapeuta T7, o educacional E0 e o organizacional O4. A Psicologia Social surge assim como modelo de referência ideal para estes psicólogos. No caso de O4 e T7, que apresentam índices de frustração profissional de .15, tudo leva a indicar que

integram com harmonia as suas práticas com as suas referências ideais, sintetizando um modelo clínico-terapêutico com o modelo social através da terapia familiar e do grupanálise, e o outro situando-se na zona de fronteira social-organizacional que é a psicossociologia organizacional; o mesmo já não sucede com E0 e C9; claramente posicionados nos seus grupos de pertença no que toca à prática (ver Fig. 4), as suas práticas de referência são todavia as do modelo oposto, a Psicologia Social, que é visível através dos seus índices de frustração profissional, respectivamente de .68 e .65. Fenómeno idêntico vamos encontrar noutros grupos profissionais. Assim, no caso dos psicólogos organizacionais (O1, ..., O0), por exemplo O5 situa-se sem sombra de dúvidas no espaço dominado pelo modelo psicoterapêutico, com um índice de frustração profissional de .63 e um índice de criticismo profissional de .78; a análise dos seus dados pessoais revela que se trata de uma pessoa cuja opção escolar de base foi o ramo de psicologia clínica, com vários anos de treino psicoterapêutico, e que, apesar de profissionalmente se inserir no âmbito da psicologia organizacional, se encontra totalmente referenciado ao modelo clínico terapêutico, assinando como sua principal actividade na empresa onde trabalha «selecção de pessoal com especial incidência na análise da personalidade». No campo dos clínicos, o psicólogo C1 situa-se também na esfera de atracção da psicoterapia, com proximidades de .70 em relação ao seu grupo de pertença e de .93 em relação ao grupo dos psicoterapeutas. O mesmo sucede com C4 e C2. Por seu turno, os psicoterapeutas surgem (à semelhança dos psicólogos sociais) como um grupo de referência relativamente homogêneo, em que T5 parece constituir uma excepção de excentricidade, dada a sua atracção pelo pólo da psicologia educacional, posto que profissionalmente trabalha com casos de clínica infantil, à semelhança dos psicólogos educacionais.

A Fig. 6 apresenta o gráfico decorrente da análise de regressão da frustração contra o criticismo profissional. A equação que define a recta assume a expressão  $Y = .798x + .036$ , com um coeficiente de correlação de  $r = .75$  ( $p < .001$ ). Uma análise mais cuidada dos casos, permite considerar seis grandes conjuntos de psicólogos: o grupo de baixa frustração e baixo criticismo ( $FP < .25$ ;  $CP < .25$ ), o grupo de média frustração e baixo criticismo ( $.25 > FP < .50$ ;  $CP < .25$ ); o grupo da baixa frustração e médio criticismo ( $FP < .25$ ;  $.25 > CP < .50$ ); o grupo da média

	FACTOR 1	FACTOR 2
--	----------	----------

ORG	27.00	2.48
SOC	24.40	30.60
EDU	0.01	59.10
CLI	20.60	0.89
TER	28.00	6.91

o1	0.11	0.06
o2	2.27	0.07
o3	0.04	1.29
o4	2.12	2.82
o5	6.28	0.00
o6	0.58	0.81
o7	10.90	1.64
o8	0.01	1.64
o9	3.12	0.43
o0	0.27	0.83
s1	1.22	0.26
s2	4.90	0.01
s3	2.92	0.47
s4	1.40	0.51
s5	2.81	1.41
s6	1.63	2.90
s7	0.45	0.05
s8	2.78	0.04
s9	1.04	3.54
s0	3.87	2.02
e1	0.09	0.20
e2	0.22	3.87
e3	2.42	1.61
e4	1.97	7.56
e5	3.77	7.57
e6	4.66	3.49
e7	1.32	2.27
e8	0.16	0.02
e9	1.67	1.87
e0	0.21	2.31
c1	2.89	8.73
c2	1.49	26.10
c3	5.86	0.00
c4	0.98	0.94
c5	0.80	0.04
c6	1.43	0.40
c7	1.60	0.15
c8	0.31	0.02
c9	2.09	3.29
c0	0.44	0.49
t1	5.60	0.66
t2	1.65	0.15
t3	1.95	4.08
t4	2.84	0.36
t5	0.00	0.19
t6	1.61	0.04
t7	0.16	1.69
t8	2.68	1.08
t9	0.37	0.01
t0	0.06	0.02

QUADRO XI

	FACTOR 1	FACTOR 2
--	----------	----------

ORG	78.50	1.56
SOC	71.40	19.40
EDU	0.10	82.70
CLI	77.30	0.72
TER	83.40	4.44

o1	43.10	4.74
o2	91.80	0.59
o3	2.97	23.10
o4	55.60	16.00
o5	99.00	0.00
o6	39.90	12.00
o7	81.00	2.64
o8	2.91	78.90
o9	96.40	2.86
o0	27.10	17.90
s1	89.10	4.06
s2	94.70	0.04
s3	93.60	3.28
s4	87.00	6.82
s5	63.70	6.92
s6	44.00	17.00
s7	44.20	1.00
s8	97.40	0.31
s9	54.60	40.20
s0	87.90	9.94
e1	18.30	8.44
e2	14.70	55.10
e3	62.20	8.96
e4	49.80	41.40
e5	67.30	29.20
e6	81.30	13.10
e7	57.50	21.40
e8	34.80	1.14
e9	72.70	17.60
e0	25.10	59.60
c1	60.00	39.10
c2	19.20	72.50
c3	93.70	0.01
c4	64.20	13.30
c5	70.90	0.74
c6	89.60	5.40
c7	76.80	1.51
c8	80.40	0.97
c9	73.90	25.10
c0	53.00	12.80
t1	79.00	2.00
t2	91.60	1.82
t3	59.50	26.70
t4	95.20	2.64
t5	0.02	8.32
t6	55.40	0.29
t7	9.93	22.20
t8	88.90	7.72
t9	77.10	0.58
t0	6.37	0.50

QUADRO XII

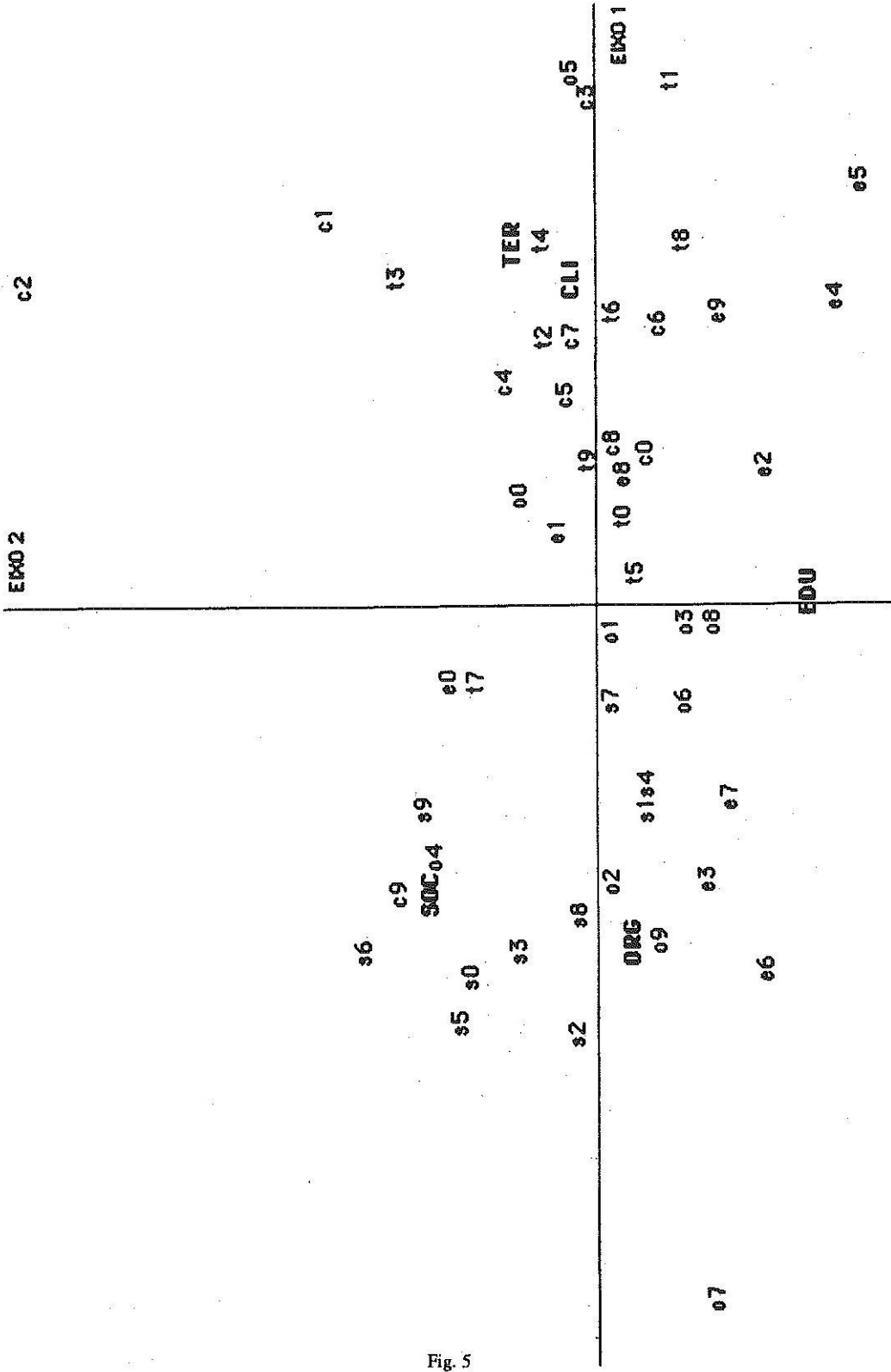
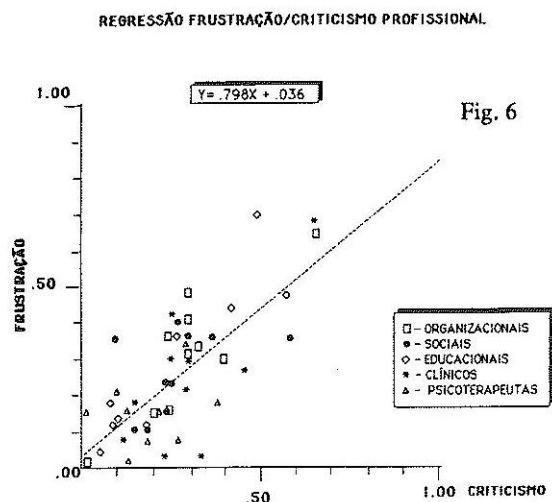


Fig. 5

frustração e médio criticismo (.25>FP<.50; .25>CP<.50); o grupo da média frustração e alto criticismo (.25<FP<.50; CP>.50); o grupo da alta frustração e alto criticismo (FP e CP>.50).

No Quadro XIII apresentamos a distribuição dos psicólogos por estes grupos.



		CRITICISMO		
		BAIXO	MÉDIO	ALTO
FRUSTRAÇÃO	ALTA			C9 E9 O5
	MÉDIA	S0 O6	T0 C1, C2, C4, C8 S1, S4, S8 E8, E9 O0, 01, 02, 03, 08	E1 S6
	BAIXA	T1, T2, T3, T4, T7, T8, T9 C3, C7, C0 S2, S3, S4, S7, S9 E2, E3, E4, E5, E6, E7 O4, 07, 09	T5, T6 C5, C6	

Quadro XIII

Este quadro é bastante elucidativo das relações dos psicólogos com a sua prática profissional. Efectivamente, se FP mede a distância entre aquilo que os psicólogos fazem e aquilo que gostariam de fazer, torna-se um indicador do grau de bem-estar que eles sentem no exercício quotidiano da sua profissão; paralelamente, CP é indicador do grau do desfazamento entre o ideal dos sujeitos e as práticas dos seus grupos profissionais. Um baixo índice de frustração

acompanhado de um baixo ou médio índice de criticismo do seu grupo de pertença revela uma boa integração dos psicólogos no grupo profissional e uma alta satisfação com a sua prática; é esse o caso de 90% dos psicoterapeutas, 60% dos educacionais e 50% dos sociais e dos clínicos. O grupo profissional menos integrado parece ser, efectivamente, o dos psicólogos organizacionais, dos quais só 30% revelam uma baixa frustração e um fraco ou médio criticismo em relação ao que entendem ser a prática de um grupo profissional. Num outro extremo, haverá que considerar o caso dos psicólogos com média ou alta frustração profissional e alto criticismo em relação ao seu grupo de pertença. Diremos que se trata de casos de elevado mal-estar profissional, de que os exemplos extremos são os psicólogos O5, E0 e C9. Como já se referiu anteriormente, são casos de grande desajuste entre a prática exercida e a prática desejada, quer do ponto de vista pessoal, quer do ponto de vista da integração com colegas da mesma área profissional. Recorde-se que O5 é um psicólogo com formação de base clínica, referenciado ao modelo clínico-terapêutico, exercendo actividade profissional numa grande empresa (Departamento de Pessoal) onde faz selecção (a qual orienta numa perspectiva de análise da personalidade); C9 é um clínico que gostaria de ser psicólogo social e que assume o modelo social numa perspectiva crítica em relação ao modelo clínico-terapêutico; E0 é um psicólogo educacional que vive de forma análoga o exercício da sua profissão.

De notar que não é a adopção de um modelo distinto daquele que é atribuído ao grupo de pertença o que está aqui em questão: já vimos que T7, por exemplo, se destaca do conjunto dos psicoterapeutas por adoptar declaradamente o modelo dos psicólogos sociais. Sendo grupanalista e terapeuta familiar, essa sua opção é aparentemente integrada sem conflito e corresponderá a uma posição teórico-prática que não é vivida como ruptura em relação ao grupo de pertença nem como um desajuste pessoal, tendo em conta os seus baixos índices de frustração e de criticismo. Da mesma forma, grande parte dos psicólogos educacionais não sente como factor de desintegração grupal nem como frustração pessoal a adopção de modelos excêntricos ao da Psicologia Educacional: já vimos que apesar da clivagem dos educacionais em dois modelos divergentes, tal não impede que entre eles exista uma identidade profissional (o terceiro factor que acima se faz referência). Sobretudo, a

análise do Quadro XIII revela que essa clivagem não é vivida como crítica ao grupo de pertença nem como indicador de frustração profissional pela maioria dos psicólogos educacionais estudados.

## 5. CONCLUSÕES

A análise das representações que os psicólogos fazem das suas práticas profissionais e dos vários grupos profissionais (mais ou menos especializados) correspondentes a áreas distintas da Psicologia, permite constatar que a grande clivagem se situa na oposição entre uma perspectiva teórica e prática centrada nos indivíduos (paradigmática dos modelos clínico e psicoterapêutico) e a perspectiva centrada nos fenômenos e processos sociais (assumida pelo grupo dos psicólogos sociais). São estes dois grandes paradigmas o eixo fundamental de referência da acção e da reflexão dos psicólogos. Não, como tantas vezes se crê, a oposição entre métodos objectivos (ou quantitativos) e métodos subjectivos (ou qualitativos); não o recurso a alternativas e variáveis explicativas intrapsíquicas ou situacionais; não (e ainda bem) os estereis antagonismos entre cognições e afectos, consciente ou inconsciente, teoria e prática, investigação e acção. Mas fundamentalmente isto: *o indivíduo e as suas idiosincrasias como referência, ou os grupos, as instituições, os fenômenos sociais como referência.*

Estes dois modelos, realmente antagónicos nas representações e práticas dos psicólogos, constituem-se como organizadores conceptuais do exercício da profissão. Se os clínicos e psicoterapeutas e os psicólogos sociais nos surgem como representantes quase «puros» de uma e outra perspectiva, o mesmo não se poderá dizer dos psicólogos educacionais ou dos organizacionais, espartilhados entre ambos os pólos de atracção, como se viu.

Estudos posteriores permitirão provavelmente confirmar a ideia, que resulta dos presentes resultados, de que o modelo clínico-personalista domina ainda grande parte dos psicólogos que trabalham em organizações, as quais não constituem em si o objecto teórico ou prático da sua acção profissional. Não seria porventura difícil demonstrar que a perspectiva clínico-personalista constitui uma adaptação profissional acrítica às solicitações do senso comum, e que tanto indivíduos como organizações fazem *a priori* do psicólogo essa imagem e têm expectativas de resposta

consonantes com ela. A ruptura epistemológica requerida na adopção da perspectiva social é mais exigente, precisamente por constituir um corte com a expectativa do senso comum. Não admira, portanto, o seu carácter minoritário.

Problemas vários de identidade profissional se colocam, todavia, a juzante e a montante: o da diferenciação/fusão entre psicólogos clínico-personalistas e o modelo médico tradicional, por um lado; da diferenciação/fusão entre psicólogos sociais e sociólogos por outro. Constitui tal um desafio para pesquisas futuras o estudo destes processos de construção das identidades profissionais em Grupos-Limite da Psicologia.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTMAN, I. e B. ROGOFF (1987) — «World views of Psychology», in D. STOKOLS e I. ALTMAN (Eds.), *Handbook of Environmental Psychology*, Vol. 1, Wiley, N. Y.
- BANNISTER, D. e F. FRANSELLA (1977) — *A manual for Repertory Grid Technique*, Academic Press, London.
- BANNISTER, D. e R. MAIR (1968) — *The evaluation of personal constructs*, Academic Press, London.
- BARJORET, P. E. (1980) — «L'influence sociale et les représentations des causes de l'accident de route» in *Le Travail Humain*.
- BENZÉCRI, J. P. (1976) — *L'Analyse des Correspondances*, Dunod, Paris.
- CODOL, J. P. (1979) — *Semblables et différents*, Tese de Doutoramento, Université de Provence.
- CODOL, J. P. (1982) — «Differentiating and Non-Differentiating Behaviour: a cognitive approach to the sense of identity» in J. P. CODOL e J. P. LEYENS (Eds.), *Cognitive analysis of Social Behaviour*, Nijhoff, The Hague.
- DI GIACOMO, J. P. (1981) — «Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales», *Cah. Psychol. Cognitive*, 1: 423-437.
- DURKHEIM, E. (1898) — «Représentations individuelles et représentations collectives», *Revue de Métaphysique et Morale*, Tomo VI, Maio.
- FLAMENT, C. (1982) — «Du biais d'équilibre structural à la représentation social du groupe», in J. P. CODOL e J. P. LEYENS (Eds.), *Cognitive analysis of Social Behaviour*, Nijhoff, The Hague.
- FREUD, S. (1915) — *Papers on Metapsychology*, S. E., Vol. XIV, Hogarth Press, London.
- HEIDER, F. (1958) — *The Psychology of Interpersonal Relations*, Wiley, N. Y.

- JODELET, D. (1980) — *La représentation du corps*, Tese de Doutorado, E.H.E.S.S., Paris.
- LEBART, J. et al. (1977) — *Techniques de la description statistique*, Dunod, Paris.
- LUZES, P. (1984) — *Das emoções ao pensamento*, Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de Lisboa.
- KELLY, G. (1955) — *The Psychology of Personal Constructs*, Norton, N. Y.
- MAISONNEUVE, J. (1979) — *Recherches diachroniques sur une représentation sociale*, CNRS, Paris.
- MOSCOVICI, S. (1961) — *La Psychanalyse, son image et son public*, PUF, Paris.
- MOSCOVICI, S. (1982) — «The coming era of representations», in J. P. CODOL e J. P. LEYENS (Eds.), *Cognitive analysis of Social Behaviour*, Nijhoff, The Hague.
- NISBETT, R. E. e ROSS, L. (1981) — *Human inference: strategies and shortcomings in social judgment*, Prentice-Hall.
- PIAGET, J. (1965) — *Études sociologiques*, Librairie Droz, Paris.
- RATHOD, P. (1981) — «Methods for the analysis of rep grid data», in H. BONARIUS, R. HOLLAND e S. ROSENBERG (Eds.), *Personal construct psychology*, MacMillan, London.
- SARTRE, J. P. (1963) — *Critique de la raison dialectique*, Gallimard, Paris.
- SHAW, M. (1978) — «Interactive computer programs for eliciting personal models of the world», in F. FRANSELLA (Ed.), *Personal Construct Psychology 1977*, Academic Press, London.
- SLATER, P. (1977) — *Dimensions of Intrapersonal Space*, Wiley, London.
- SOCZKA, L.; J. VALA e J. BAIRRÃO (1981) — «O perfil sócio-profissional dos psicólogos em Portugal», *Psicologia*, 2: 221-226.
- VALA, J. (1978) — «A criança como símbolo social», *Análise Psicológica*, Vol. 1, 3: 73-80.
- VALA, J. (1979) — «Organizações de comunicação de massa e representações sociais», *Análise Psicológica*, 2: 407-413.
- VALA, J. (1981) — «Grupos sociais e representação social da violência», *Psicologia*, Vol. 2, 4: 329-342.
- VALA, J. (1984) — *La production sociale de la violence*, Tese de Doutorado, Univ. Louv.
- VALSINER, J. (1987) — *Culture and the development of children's actions*, Wiley, N. Y.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar as relações entre as práticas profissionais dos psicólogos, de acordo com as respectivas áreas de especialidade, e as suas repre-

sentações da Psicologia. Foram estudados 50 psicólogos distribuídos por cinco áreas de prática profissional: clínica, psicoterapia, organizacional, educacional e social. Recorreu-se à técnica das grelhas de Kelly para recolher 500 constructos produzidos para caracterizar a prática do próprio, a sua prática ideal, e as representações das práticas dos diversos grupos profissionais. Esses 500 constructos foram submetidos a uma análise de conteúdo com vista ao seu agrupamento em categorias fechadas, sendo seleccionadas para posteriores comparações aquelas que tivessem sido produzidas por pelo menos 20% dos sujeitos. O autor calculou vários indicadores individuais e grupais respeitantes à prática e às representações dos psicólogos estudados. As matrizes resultantes foram alvo de Análises Factoriais de Correspondências com o objetivo de serem evidenciadas as estruturas de prática real e de prática ideal dos vários grupos profissionais e dos vários elementos de cada grupo. São igualmente apresentados resultados respeitantes à satisfação e à frustração profissional, bem como à identidade e coesão de cada grupo. Nas conclusões é debatida a clivagem que parece presidir às representações e às práticas dos psicólogos: a centração sobre os indivíduos versus a centração sobre os fenómenos e processos sociais.

## ABSTRACT

The present work aims to analyse the relationship between the activities of psychologists, according to their respective professional fields, and their representations of Psychology. Fifty psychologists were studied, equally distributed by five professional fields: clinical, therapeutical, organizational, educational and social psychology. Kelly's Grid Technique was used in order to gather five hundred constructs characterizing representations of one's professional activity, the ideal activity and the representations of the praxis of the above mentioned professional groups. The five hundred constructs were subjected to content analysis aiming their clustering in closed categories. Those which were produced by at least 20% of the subjects were selected for further comparison and analysis. The author computed several individual and group indicators concerning the professional praxis and representations of the psychologists. The resulting matrices were subsequently subjected to Correspondence Analysis, looking for the structures of the real and the ideal practices of the several professional groups and members of each group as well. Results pertaining to the professional satisfaction and frustration, and also to the cohesion and identity of each group, are discussed. The final conclusions discuss what seems to be the major gap factor which dominates the representations and praxis of psychologists: The individual-centered versus the social phenomena and processes-centered standpoints in Psychology.

ANEXO I

Indicadores individuais e indicadores de grupo

	FP	CP	DP	IP	DC
ORG					
01	0.30	0.30	0.07	0.12	0.19
02	0.47	0.30	0.23	0.35	0.26
03	0.40	0.30	0.27	0.43	0.29
04	0.15	0.20	0.08	0.43	0.34
05	0.63	0.78	0.15	0.48	0.31
06	0.35	0.23	0.18	0.37	0.23
07	0.00	0.00	0.00	0.65	0.43
08	0.32	0.33	0.05	0.29	0.16
09	0.15	0.23	0.08	0.42	0.24
00	0.28	0.40	0.12	0.31	0.15

	FP	CP	DP	IP	DC
EDU					
E1	0.48	0.57	0.12	0.37	0.29
E2	0.18	0.10	0.18	0.38	0.17
E3	0.12	0.10	0.15	0.39	0.08
E4	0.03	0.05	0.05	0.45	0.26
E5	0.13	0.18	0.15	0.46	0.16
E6	0.12	0.10	0.05	0.37	0.11
E7	0.13	0.12	0.12	0.35	0.09
E8	0.43	0.42	0.38	0.32	0.27
E9	0.35	0.27	0.12	0.37	0.33
E0	0.68	0.50	0.22	0.38	0.47

	FP	CP	DP	IP	DC
SOC					
S1	0.35	0.35	0.03	0.35	0.23
S2	0.12	0.18	0.10	0.49	0.18
S3	0.23	0.25	0.12	0.48	0.15
S4	0.12	0.15	0.17	0.37	0.17
S5	0.35	0.30	0.15	0.51	0.18
S6	0.33	0.58	0.28	0.43	0.10
S7	0.23	0.23	0.17	0.36	0.19
S8	0.40	0.27	0.37	0.30	0.17
S9	0.15	0.23	0.12	0.42	0.15
S0	0.35	0.10	0.25	0.32	0.21

	FP	CP	DP	IP	DC
CLI					
C1	0.28	0.30	0.18	0.45	0.24
C2	0.25	0.45	0.27	0.43	0.16
C3	0.08	0.12	0.13	0.51	0.16
C4	0.28	0.25	0.10	0.27	0.18
C5	0.00	0.32	0.32	0.52	0.25
C6	0.40	0.25	0.18	0.38	0.30
C7	0.17	0.15	0.05	0.45	0.23
C8	0.20	0.28	0.15	0.32	0.18
C9	0.65	0.68	0.10	0.49	0.50
C0	0.00	0.22	0.22	0.40	0.20

	FP	CP	DP	IP	DC
TER					
T1	0.15	0.00	0.15	0.48	0.12
T2	0.17	0.13	0.17	0.50	0.22
T3	0.12	0.15	0.03	0.49	0.04
T4	0.00	0.13	0.13	0.45	0.24
T5	0.17	0.37	0.20	0.27	0.16
T6	0.08	0.27	0.18	0.43	0.08
T7	0.15	0.22	0.13	0.58	0.18
T8	0.08	0.18	0.17	0.45	0.19
T9	0.20	0.12	0.28	0.31	0.16
T0	0.33	0.30	0.23	0.38	0.21

